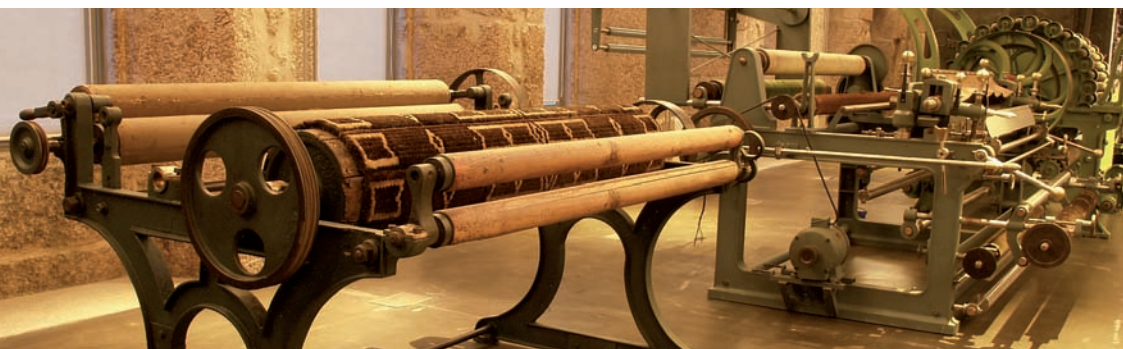





TURISTRELA
Hotels & Experiences

ROTA DA LÃ
8 Séculos a trabalhar a Lã





ROTA DA LÃ

Durante séculos objecto de trabalho doméstico/artesanal, os artifícios da lã evoluíram no séc. XVII para o das grandes **Manufaturas** e no séc. XIX para o das possantes **Fábricas Industriais**.

Hoje, em pleno séc. XXI, aqui se encontram das mais modernas empresas mundiais em tecnologia têxtil e das mais poderosas indústrias de lanifícios da Europa.

Covilhã, Manteigas, Seia, Gouveia, Pinhel, Guarda e Penamacor fazem com que a Serra da Estrela caminhe para os mil anos a trabalhar a lã, fiando e tecendo um património arqueológico-industrial único.

8 SÉCULOS A TRABALHAR A LÃ

SÉC. XII/ XIII

Um trabalho doméstico

Nos primeiros tempos da monarquia já se fabricavam panos de lã em Portugal. As oficinas não eram fábricas, mas a mera casa de habitação onde o tecido resultava de um trabalho doméstico.

SÉC. XIV

Afirmção da Serra da Estrela

A produção artesanal nacional encontrava-se baseada na Serra da Estrela e no Alentejo. O burel era o que mais se fabricava até aparecer o pano de lã meirinha.

SÉC. XV

A produção diversifica-se

Começam a ser fabricadas as baetas, picotes e outros tecidos até aí importados de Castela.

SÉC. XVI

As rotas da transumância

Os centros produtores alargavam-se na zona da Serra da Estrela, no Alentejo e em Santarém.

A produção de tecidos de lã satisfazia parte do consumo de Portugal, Açores e Madeira.

SÉC. XVII

As primeiras manufaturas

Em 1640, a produção de tecidos de lã mantinha-se como trabalho caseiro e artesanal.

A partir de 1679 aparecem as grandes manufaturas de lã. A evolução e o êxito das manufaturas foram tão grandes que durante dezenas de anos a sua produção supriu o consumo de Portugal e Brasil.





SÉC. XVIII

Do Tratado de “Methuen” às Reais Fábricas

Começa com uma grave crise económica originada pelo famoso Tratado de Methuen de 1703. A Inglaterra e Holanda passava a introduzir livremente os seus lanifícios em Portugal. Acontece a ruína e a decadência da produção portuguesa. A partir de 1710 a Covilhã passa a fabricar nas suas manufacturas todos os fardamentos militares portugueses. Aparecem então as grandes unidades manufatureiras. O restabelecimento da indústria de lanifícios deve-se ao Marquês de Pombal. Em 1764 surge a Real Fábrica de Panos da Covilhã.

O Fomento Industrial de Pombal

Neste período a política nacional baseia-se nas grandes medidas de industrialização. O objectivo político era o de combater a dependência portuguesa das importações, articular a ligação de produção às colónias e modernizar a produção. O fomento industrial de Pombal baseia-se por isso na realidade pré-industrial existentes no país.

SÉC. XIX

O Operário, a Indústria, o Proletariado (1º metade)

Os conceitos evoluem para o significado actual: artista, artífice, operário, proletário e indústria. Em 1850 a máquina a vapor auxilia o novo incremento da produção de lanifícios.

SÉC. XIX

A expansão industrial (2º metade)

Na antiga vila da Covilhã, de uma população de 12000, mais de metade trabalhava nos lanifícios. Havia 859 teares instalados, 57 eram mecânicos.

Gouveia possuía 20. Seia possuía 15, Manteigas e Guarda possuíam 5 e 1, respectivamente.

SÉC. XX

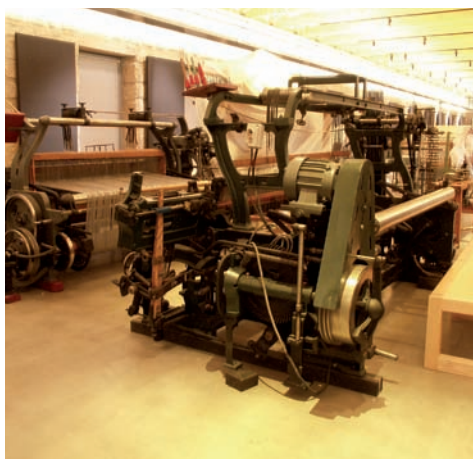
Um apogeu produtivo

Em 1916 a indústria têxtil era a mais importante. Após a II grande Guerra a indústria de lanifícios atinge um novo apogeu produtivo. A partir de 1970 verificam-se encerramentos e a reestruturação tecnológica provoca uma crise social profunda.

SÉC. XXI

Prossegue a Revolução Tecnológica

O trabalho é cada vez mais suportado em tecnologia intensiva. Actualmente saem das fábricas de lanifícios da Serra da Estrela dezenas de milhões de metros de tecido por ano. O escoamento do produto é agora feito mais pela exportação e menos pelo mercado interno. Grandes marcas mundiais de vestuário usam tecidos “made in” Serra da Estrela.



DA OVELHA AO TECIDO

TOSQUIA

Operação anual, que decorre no final da Primavera e consiste na remoção da lã da ovelha com tesoura apropriada.

ESCOLHA

Separa a lã proveniente das diversas partes do corpo da ovelha, formando a lã branca ou "sargoga".

LAVAGEM

Remove a lã suja, a terra e outras impurezas que podem ser superiores a mais de metade do seu peso.

CARDAÇÃO

Fio para tecido penteado: a lã é aberta na carda e formada uma mecha de fibras, que depois é penteada, o que lhe retira as fibras mais curtas e as impurezas vegetais.

Fio para tecido cardado: as lãs utilizadas neste processo, são abertas e misturadas na preparação dos lotes, entrando depois nas cardas.

FIANÇA

As mechas provenientes da cardação são estiradas e torcidas, dando origem ao fio penteado ou cardado.

TINGIMENTO

As fibras, os fios ou mesmo os tecidos, sofrem processos de tingimento específico, que resultam os mais variados coloridos.

BOBINAGEM

O fio depois de tinto e seco é acondicionado sobre as mais diversas formas, ficando assim em condições de ser utilizado.

URDIÇÃO

Operação que dispõe os fios de diversas cores e/ou qualidades, que depois de enrolado no órgão, irá estabelecer o tear.



TECELAGEM

Os fios da teia com os da trama cruzam-se no tear de acordo com o determinado pelo debuxo, assim se produzindo o tecido dito em "xerga", isto é, não acabado.

ACABAMENTO

Conjunto de operações desde a lavagem ao apisoamento, operação típica do tecido cardado, que no pisão feltra as fibras de lã, dando consistência e toque mais macio ao tecido.

TECIDO FINAL

Após a operação de enfestar ou enrolar é obtido o produto final.

A GRANDE MANUFACTURA DA COVILHÃ (1679)

100 anos antes da Real Fábrica – a primeira “fábrica” portuguesa

A enorme manufatura da Covilhã foi criada em 1679 com o apoio do irlandês Courteen. Não era ainda uma indústria já que todo o trabalho era manual.

O Conde da Ericeira afirmava em 1679 que “a Covilhã continha para esse negócio melhor capacidade que qualquer outra do Reino pela muita frequência e conhecimento que havia e sempre houvera naquela vila do trato de lãs”. Para se ter uma ideia da manufatura da Covilhã, este possuía em 1680, um ano após a abertura, 415 trabalhadores e 17 teares.

PONTOS DE INTERESSE

Tesouras de Tosquiar

Em pleno séc. XXI existe em Donfins um artesão que fabrica tesouras para tosquia de ovelhas. Com esta peça começa o processo do trabalho da lã. Desde há séculos que estes trabalhos se fazem desta forma e nem a industrialização os conseguiu eliminar totalmente.

Loriga

No fim do séc. XIX, Loriga era o mais activo centro industrial do concelho de Seia. A fábrica mais antiga foi fundada em 1856.

Degoldra

As muitas e antigas unidades fabris da Covilhã localizavam-se por razões de fornecimento de energia hidráulica junto à ribeira da Degoldra.

Ribeira de Gouveia

Fornecia a força motriz a inúmeras unidades industriais de Gouveia.

Fábrica de São Gabriel

Complexo industrial nascido em Manteigas no séc. XIX.

Sineirinho

Conjunto de antigos edifícios industriais de várias épocas que se concentram junto à Ribeira da Carpinteira na vertente oriental da cidade da Covilhã.

Casa da Ribeira e da Ponte em Alvoco da Serra

Onde se fabricou o 1º cobertor de produção industrial, em Portugal.



AS TERRAS DA ROTA DA LÃ

COVILHÃ

Cidade construída em Lã

A matéria-prima provinha da Serra da Estrela que alimentava os rebanhos de ovelhas. Este sistema prolongou-se até aos séculos XVIII/XIX. A partir do séc. XVII, começam a aparecer na cidade as primeiras manufacturas que depois, com o advento da Revolução Industrial europeia, foram vincando numa concentração de edifícios fabris. Duas ribeiras descem da Serra da Estrela e percorrem a cidade entre os 800m e os 500m de altitude. São a Degoldra e a Carpinteira.

A 1ª manufactura

No início do séc. XVIII, a política de fomento "industrial" encetada 30 anos antes pelo 3º Conde da Ericeira exigia vultuosos investimentos.

Numa cidade de grande história de presença de comunidades judaicas e depois cristãos-novos, estes disponibilizavam o dinheiro necessário.

A Real Fábrica de Panos

Covilhã inicia grandes processos de modernização com o Marquês de Pombal. É fundada em 1764 a Real Fábrica de Panos e, anos depois, é criada a Real Fábrica Veiga. Cerca de 1850 a Covilhã era um dos maiores centros industriais de Portugal. Fabricavam-se anualmente mais 80000 arrobas de lã.

A famosa Manchester Portuguesa

A máquina a vapor chegou tarde aqui porque esta cidade soube desenvolver, como nenhuma outra na Europa, a técnica do aproveitamento da energia hidráulica. Durante mais de 50 anos a indústria covilhanense apoiou-se apenas na energia hidráulica.

Em 1875 a indústria de lanifícios era a mais importante do país em termos de tecnologia utilizada e facturação industrial.

Impacto tecnológico

Na primeira metade do séc. XX verifica-se um acréscimo produtivo que tem expoente nos anos seguintes à II Guerra Mundial. No final do século, acontecem grandes evoluções que transformam a cidade. Hoje, cerca de trinta milhões de metros de tecido/ano são produzidos na Covilhã.

GOUVEIA

A História Tecida

A tradição laneira de Gouveia era muito antiga. Paços da Serra já em 1774 era um importante centro onde "todas as lãs que os almocreves castelhanos e da província de Trás-os-Montes ali conduziam". Cerca de 1873 já existiam no concelho 23 fábricas e em finais do século XIX, a então Vila de Gouveia era o sexto centro urbano português de maior facturação industrial.



PENAMACOR

A Transumância

A vila de Penamacor fica situada junto a um dos principais eixos das Rotas de Transumância peninsulares

Em Penamacor está a recuperar-se uma antiga raça de ovelhas, a Churra do Campo. Esta ovelha produzia uma lã característica que era enviada para fiações na Covilhã e resultava em mantas grosseiras e outros tecidos mais pobres. O complexo agora em concepção recuperará espaços de maneio deste gado e irá ser dotado de um Centro de Interpretação de todo o processo da Lã Churra.



SEIA

A Serra como Recurso

O concelho de Seia integra-se na Rota da Lã da Serra da Estrela. É uma indústria que ajudou a engrandecer o município durante todo o século XX. A implementação da primeira central eléctrica de Portugal em S. Romão veio dar novos argumentos à expansão acontecida até à década de 1980. Hoje a Beiralã é um marco de continuidade e qualidade.

MANTEIGAS

No coração da Estrela

A vila é um dos mais antigos locais de fabrico e tratamento de lanifícios do país.

O Conde da Ericeira invocara no ano anterior que *"o trato dos moradores de Manteigas todo é de panos e todo é de lãs..."* A manufatura foi criada no local da Matufa. Esta unidade seria organizada para a produção de sarjas e baetas. Por várias razões a manufatura de Manteigas encerrou alguns anos depois devolvendo a produção a pequenas unidades.

Outro motivo de interesse actual de Manteigas é a produção artesanal de lã como mantas de viagem e algumas peças de vestuário.

A Manufatura da Matufa

Neste local de confluência de uma ribeira com o rio Zêzere localizava-se a Manufatura de Manteigas, uma das primeiras existentes em Portugal. Muito ligada aos negócios da Covilhã.

GUARDA

Os famosos cobertores de papa

O concelho da Guarda está ligado à história dos lanifícios pelo peso da actividade nas freguesias de Trinta, Maçainhas e Meios. São característicos e de alta qualidade os cobertores e mantas de lã ainda hoje aí fabricados e que lá podem ser adquiridos. Os famosos cobertores de papa usam como matéria-prima a lã churra de ovelha.





MUSEU DE LANIFÍCIOS

“O melhor museu do país”

Associação Portuguesa de Museus

Numa cidade que representa um hino ao trabalho, alguns dos principais monumentos são os alusivos à história da indústria portuguesa.

O Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior é composto por três núcleos.

O primeiro corresponde à ocupação de parte da Real Fábrica de Panos do Marquês de Pombal e integra as famosas fornalhas do século XVIII. A Real Fábrica Veiga, posterior, é outro dos núcleos fundamentais do Museu sendo que o terceiro corresponde às Râmolas de Sol existentes em vários locais da Covilhã a céu aberto.

Real Fábrica de Panos

A Real Fábrica de Panos fundada na Covilhã em 1764 pelo Marquês de Pombal integra hoje a Universidade da Beira Interior. Esta unidade funcionou como edifício fabril até 1885.

Hoje, aí se localiza parte do Museu de Lanifícios considerado pela UNESCO como o melhor museu Têxtil da Europa. Descobertos em 1975, os poços e fornalhas são hoje a melhor referência europeia do que no século XVIII era uma Tinturaria Têxtil. Toda a descrição do trabalho pode ser encontrada no Museu de Lanifícios que integra este espaço.

Real Fábrica Veiga

Imponente edifício existente desde o final do século XVIII, integra agora o Museu de Lanifícios.

Râmolas de Sol

Nestes espaços secavam-se e esticavam-se os tecidos.

Estendedores de Lã

Espaços de granito lageado, inclinados para secar as lãs em bruto. Encontram-se em plena zona histórica da Calçada de St^a Cruz, Covilhã.



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

